

"25"

LE PEUPLE EST ALLE AU CINEMA
ET A VU UN CINEMA DU PEUPLE

INSTITUT NATIONAL
DU CINEMA
MOZAMBICAIN

d'un spectateur mozambicain, paru dans la "Correspondance
du journal mozambicain "Naçao".

Y a quelques jours, un soir, j'ai eu le privilège d'aller
à un spectacle au cinéma "Scala". La
raison pour laquelle je pense qu'il est impor-
tant de mentionner cet aspect
arrive au cinéma, l'aspect des choses n'était
ce qui permet de conclure que l'écrasant
artisans aux couches défavorisées de l
déjà dans l'organisation de l'entrée
de gens qui entrent sans ordre dans
une file organisée sans bouscula
inné déja assumée par le peuple,



25 JUIN 62: FONDATION du FRELIMO
25 SEPT 64: début de la Lutte
134: CHUTE du FA



VINGT-CINQ
J. Carlos Larreis et José-Carlos Correia
le monde est difficile à comprendre.
ici de ne pas être bête.
en relief.
reconnaissance.
notre grati-
urgente.
réalisa-

ESTRELA
ROMANCE
DO NOSSO POVO
no "Scala" fut à
au cinéma municipal à l'heure mozambicaine
25 - ROMAN DE NOTRE PEUPLE.

Este é um filme sobre Moçambique: «25». A história em imagens e som de um povo em luta. O documentário sobre a maior festa moçambicana. Mas o seu título é apenas «25». Porquê? Não é só por causa do 25 de Junho, dia da Independência mas também 25 de Junho dia da fundação da FRELIMO. Também por causa do 25 de Setembro, Dia da Resistência e 25 de Abril, fim do fascismo em Portugal. Por isso «25».

É um filme moçambicano feito por militantes brasileiros com um grande artista que é o povo do Rovuma ao Maputo. Um artista tão grande e nobre que fez o filme gratuitamente. Na verdade, o melhor de todos os artistas.

É um filme produzido pelo Instituto Nacional do Cinema. Foi estreado em

Fevereiro deste ano no teatro «Scala» em Maputo. Muita gente o viu. O actor do filme encheu a sala, em dias sucessivos, para se ver e aplaudir a sua própria actuação.

Depois começou a correr mundo. Foi para o festival de Cannes, na França. Foi proposto para a 1.ª Amostra Internacional de Cinema de S. Paulo, Brasil. Fez correr tinta na imprensa. Correu na televisão francesa.

Aqui, reproduzimos o que disse a imprensa internacional. Necessariamente temos que reduzir os artigos publicados ao essencial. E não serão todos. Apenas os mais significativos. Ressalta claramente o trabalho e dificuldades dos realizadores José Celso e Celso Luccas. São estes dois Celso que nos dizem, através do jornal brasileiro «Versus».

A VITÓRIA DO POVO ORGULHO SO CHOCA MAIS QUE O POVO MASSACRADO

(...) «As vezes esse filme militante mostra a derrota do povo. E é preciso mostrá-la, porque ela é a fonte de análise e de inspiração para colocar em dia a linha política justa, necessária para novas vitórias.

Mas a vitória, o povo orgulhoso choca talvez mais que o povo massacrado.

Nós queríamos comunicar essa força de luta que recebemos durante essa festa que marcava mudança de eras. E pensamos que essa força produz os ensinamentos específicos e uma racionalidade de emoção que deve ser investigada pela ciência.

O prazer do povo é algo que, até agora, foi estudo cientificamente apenas pelo capitalismo cujo objectivo é o de explorar esse prazer.

Não devemos ter medo de afrontar essa ciência e a abandonar a manipulação das agências de publicidade.

O cinema popular deve perder esse obscurantismo, esse temor anticientífico da razão de ser da vida e da revolução.

«25» tenta ser um filme de «amor revolucionário» na medida em que os filmes de Hollywood são filmes de amor. «25» utiliza a mesma matéria, mas a transfor-

ma através da situação de luta, de libertação e de consciência».

UM FILME CURIOSO

«*A Capital*», também um jornal português, por um dos seus comentaristas, José Vaz Pereira, analisou as técnicas do filme e disse:

(...) «25» é um filme extremamente curioso porque é produto do trabalho de moçambicanos, portugueses e brasileiros e combina documentário, arquivo, ideologia, citação e fantasia dum maneira directa e simples, com uma banda sonora que nunca para de manifestar-se quer em fragmentos de discurso do Presidente Samora Machel quer em «slogans», quer em músicas evocativas de lutas e de determinados períodos históricos do colonialismo. «25» representa uma acumulação de material impressionante — a prisão de Gungunhana é evocada através de planos de «Chaimite», um filme de Jorge Brun de Cantó — em que os seus realizadores, dois brasileiros, conseguem não perder o fio à meada, apesar dos saltos de assuntos e de época que são obrigados a fazer.

O estilo de Eisenstein e do cinema russo revolucionário, a originalidade da cultura moçambicana, ideias cineclubistas, a alusão aos problemas raciais nos Estados Unidos, a inserção de vocalizações célebres de Gillie Holliday, como «Strange Fruit», e de algu-

mas muito populares do Duo Ouro Negro, a preparação das tropas da FRELIMO, tudo isso faz parte de um todo, em que se descobre, por vezes, uma experiência cultural comum e uma maneira simples de falar dos grandes problemas.

QUATRO DATAS ANALISADAS PELO «LE MONDE DIPLOMA- TIQUE»

A história recente de Moçambique é marcada por quatro datas: 25 de Junho de 1962, data da fundação da Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO); 25 de Setembro de 1964 quando foi disparado o primeiro tiro da insurreição; 25 de Abril de 1974, queda do regime corporativista português; 25 de Junho de 1975, independência de Moçambique. Vinte e Cinco: as imagens deste filme falam destas quatro datas; sequências de filmes coloniais portugueses recordam o que foi o desprezo dos brancos; extractos de actualidades mostram os massacres de Wiryamu, o treinamento das forças da FRELIMO e a protecção militar em volta da baragem de Cabora-Bassa. Mas não se trata de uma obra de ressentimento; surgem outras imagens, harmonicamente, que se misturam às da luta e da opressão, filmadas durante a última noite colonial, na alegria da liberdade re-encontrada, quando o povo arran-

cava com certa delicadeza as estátuas dos conquistadores portugueses e se preparava para escutar delirantemente o discurso inaugural do dirigente Samora Machel.

Este filme inteligente, com uma montagem original, elabora em paralelo uma reflexão sobre as qualidades do cinema popular e atribui muita importância ao jogo com os sinais, os símbolos e a música. Um seqüência exemplar: a dos dançarinos improvisados na praia, em redor das chamas da alegria, esperando o primeiro levantar do sol, num país finalmente livre.

**JOSÉ CELSO E CELSO LUCCAS
EM DISCURSO DIRECTO**

Os dois autores do filme falam de si para jornal brasileiro «Versus»

Oçamo-los:

Zé Celso: Saímos do Brasil ao sentir o ambiente meio carregado, sem grandes possibilidades para realizar um bom trabalho. Fomos para Portugal com todo o grupo «Oficina Samba», com sede de ver de perto o país renascendo. Montamos Galileu Galilei. Nossa sede se juntou com a do povo português que queria ver coisas novas.

Celso Luccas: Quando fomos trabalhar na televisão portuguesa descobrimos material de documentação imenso e logo começamos a cuidar de tudo, sabendo que um dia iríamos precisar. Entrámos na televisão a fim de realizarmos um filme: Foi quando nasceu *o Parto*, um documentário que começa mostrando os preparativos para um parto. Interrompemos essa cena e passamos a mostrar todo o processo da revolução portuguesa. Tomamos como base o tema dos três F que reinou durante cinquenta anos em Portugal: Futebol, Fátima e Fado. No ápice disso mostramos o desfedro do parto, a criança nascendo. O país nascendo. A primeira criança gerada com o fim do fascismo, nove meses depois do 25 de Abril.

Zé Celso: Estávamos em Portugal sentindo que a independência de Moçambique se aproximava, que estava esquentando. Saímos. Eu o Celso e três operadores da televisão portuguesa. Fomos para Moçambique filmar a libertação.

TEMPO N.º 365 — pág. 52



INSTITUTO NACIONAL DE CINEMA

APRESENTA

CINE-TEATRO SCALA

HOJE À NOITE ÀS 20.30 HORAS



ESTREIA MUNDIAL
DO FILME A CORES

"25"

"25" É o fim da escravatura.
É o fim do colonialismo.

"25" Histórico — a luta contra
os invasores: de Gungunhana à Frelimo.

"25"

Libertação — A Festa da Vitória



UMA PRODUÇÃO DO I. N. C.

Realização de: **CELSO LUCCAS e JOSÉ CELSO**

PARA TODAS AS CIDADES

Resolvemos ficar. O país nos envolveu, a revolução nos apaixonou. Os operadores portugueses voltaram e nós ficámos.

Celso Luccas: E filmámos. Foi uma loucura. Quando percebemos tínhamos oito horas de filme grande parte de documentos que pertenciam à televisão portuguesa. Tudo em desordem, eram dezanove anos. Pensámos fazer sete filmes curtos. Aos poucos surgiu a ideia do «25».

Zé Celso: A partir do número 25 resolvemos montar um filme apenas.

Percebemos uma série de coincidências em torno desse número: 25 de Junho de 1962 — fundação da Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO); 25 de Setembro de 1964 — começo da luta armada; 25 de Abril de 1974 — queda do fascismo português; 25 de Junho de 1975 — independência de Moçambique. Daí organizámos a história da libertação moçambicana na nossa cabeça e no filme.

Celso Luccas: Conseguimos montar um filme de quatro horas. Em seguida reduzimos para duas e meia. Levámos para Paris e o pessoal gostou. Foi escolhido para

Cannes, fizemos ainda alguns cortes de cenas longas e, no final, ficaram duas horas e quinze minutos. Nessa transformação não alteramos nossa proposta: mostrar o nascimento de um país livre. O filme será exibido na televisão francesa em Agosto deste ano.

Zé Celso: Quisemos filmar e alegria guerreira do colonizado que se descoloniza que aprende a REVOLUÇÃO. Cheio de uma música forte para que a energia desse dia se irradie o mais fisicamente possível. É um filme do ponto de vista do colonizado, falando um novo alfabeto a outros colonizados.

Celso Luccas: Mostramos uma zona libertada, as sementes de um novo Moçambique, um ciclo que começa. Vemos um quadro negro depois a cultura da terra, os exercícios militares, os cantos e as danças.

Zé Celso: As dificuldades foram muitas, tivemos que esconder o filme dentro da roupa com a reviravolta em Portugal. A televisão portuguesa que havia encontrado o trabalho na época boa, o rejeitou. Ele incomodava muita gente. Então, o Governo de Moçambique concluiu que o filme fazia

parte do património cultural do país.

Celso Luccas: E nos deu todo o apoio: psicológico e material. Emprestou a câmara, deu o filme, pagou passagens à Europa para montagens e revelação.

Zé Celso: Documentamos muita coisa em Moçambique. Há pouco fizemos um filme sobre o congresso da FRELIMO e outro acompanhando uma viagem do Presidente Samora ao país.

Celso Luccas: Em Agosto voltaremos para lá e vamos trabalhar nas aldeias comunais, vilas que surgiram após a libertação. Trabalharemos com esse povo, filmando o seu quotidiano, a sua história, seu desenvolvimento social.

Zé Celso: Faremos também video-tapes para que o pessoal tome consciência do nosso trabalho e participe. O video-tape é mais imediato, pegamos as cenas hoje e o povo pode ver o resultado na mesma hora.

«JEUNE AFRIQUE»

Este Jornal escreveu:

(...) Embora Moçambique insista na produção interna não deseja fechar-se ao resto do mundo. Assim, o INCM assumindo a linha internacionalista da FRELIMO, está aberto a todas as produções cinematográficas estrangeiras que não sejam de simples propaganda imperialista. É por isso que este instituto acolhe todos os cineastas prontos a participar, seja no ensino de técnicas cinematográficas, seja na realização de filmes para o desenvolvimento do cinema popular em Moçambique.

A primeira produção do INCM, à parte os documentários realizados pela FRELIMO durante a guerra de libertação, viu o dia no passado mês de Março em Maputo. «Vinte e Cinco», é o encontro entre dois realizadores brasileiros e o povo de Moçambique.

Em primeiro lugar, José Celso Correa e Celso Luccas são dois realizadores que fugiram à ditadura (1) no seu país. Eles encontraram-se em Portugal no momento da «revolução dos cravos» e trabalham na televisão portuguesa. Em 1975, em vésperas das festas de independência de Moçambique, a RTP envia uma equipa para co-

brir o acontecimento. José Celso e Celso Luccas fazem parte da equipa. Meio à alegria geral, eles filmam os desfiles e as explosões de alegria em Maputo. Terminada a festa, regressam a Lisboa com quilómetros de filme mostrando imagens entusiásticas. Aí surge o golpe de estado (2); não se pensa mais em mostrar as imagens aos telespectadores portugueses. Então, com o material filmado, estes dois associados vão fazer um filme.

Em Lisboa, percorrem os arquivos de filmes do tempo da colonização; descobrem películas de actualidade sobre a história portuguesa nessa longínqua terra africana. História que é também a dos moçambicanos; descobrem imagens sobre a invasão, sobre a resistência, as execuções, o trabalho forçado e a «Dolce Vita» dos colonos. Todas essas imagens são integradas no filme. Finalmente, Zé e Celso Luccas acham-se com um filme de três horas e dez minutos debaixo do braço, não sabendo que fazer dele.

É aí que intervém o INCM. Ouve falar do filme e decide comprar à RTP. Lá embarcam os nossos dois comparsas de novo para Moçambique. Lá chegados, vão, com uma equipa da FRELIMO, filmar a vida nas zonas libertadas. Possuem como instrumento uma velha máquina de filmar de manivela e um gravador. Aí produz-se uma coisa totalmente imprevista: os realizadores apresentam a primeira versão do seu filme, a sua obra, ao povo dos bairros do caniço e do campo. Iniciam-se as trocas de opiniões; o povo moçambicano, interessado, vai explicar aos realizadores o que gostaria de ver, e como; o povo encena certos episódios da história em que os nossos cineastas não tinham pensado (por exemplo, o massacre de Wiriyamu), participa na montagem definitiva.

Assim nasceu «Vinte e Cinco», o romance de todo um povo. O filme começa com a imagem de um quadro negro no qual está escrita a palavra REVO-LUÇÃO; e acaba com uma imagem de uma escola em pleno ar livre; entre as duas imagens, a nossa atenção foi retida pelas sucessivas histórias de homens e mulheres, de crianças, na alegria e na dor, pela sua música, música das suas pala-

vas, das suas esperanças, música da sua voz. Porque todo o filme é uma festa cantada sempre renovada. Mesmo o desfile da independência — com as tribunas oficiais, os discursos, a ordem do desfile, os operários, os camponeses, as mulheres, os jovens (os continuadores), os guerrilheiros — é quebrado pelo cortejo, sobre camiões abertos, do teatro de rua.

Sobre estes palcos improvisados, no dia da independência, o povo de Moçambique actua com malícia, com um extraordinário senso de mímica, as cenas da sua história, da sua vida quotidiana antes e depois da luta. As imagens, os sons do filme interpeçam sem cessar o espectador; não é só mais um filme militante; é o romance dos homens e das mulheres que se descobrem livres. Podemos reprovar-lhe o solicitar demasiado intensamente os sentidos, a emoção do espectador, de o atrair para uma espiral onde ele se perde, se agarra, não se encontra mais. Podemos reprovar ao filme o apresentar tão pouco da mulher moçambicana. Mas não se esquecem estas cores magníficas, a entrevista cheia de sensibilidades não dogmáticas de Samora o camarada. E não podemos senão sentir-nos satisfeitos ao sabermos que uma cadeia de televisão francesa (FR3) divulgará o filme a 27 de Agosto às 20.30 horas. Que todos o devíamos ver é uma evidência. A África não deverá deixar à Europa o privilégio de a programar.

Esther Diatta

(1) Numa carta pessoal enviada a um dos trabalhadores da «Tempo» José Celso nega esta afirmação do «Jeune Afrique» e disse que mandaria rectificar:

«...disse que FUGIMOS da ditadura. Não podemos aceitar por que ninguém foge de uma ditadura em seu país. Ela está em mim AGORA. Saímos de lá por falta de condições de trabalho. Agora vamos voltar. Mas a ditadura continua ainda que mais fraca em alguns pontos e mais forte em outros».

(2) Aqui a «Jeune Afrique» comete o erro de classificar o 25 de Novembro em Portugal como um golpe de estado. Na realidade tratou-se de uma ofensiva bem sucedida da direita.